

Território akroá-gamella: teia de conexão entre os indígenas e os seres encantados

Deanny Stacy Sousa Lemos

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: deannystacy@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0623-4222>



Resumo

Este trabalho, realizado no território akroá-gamella no estado do Maranhão, busca tratar do território encantado que abriga uma multiplicidade de seres encantados, que são ancestrais dos indígenas. Esses seres sagrados vivem em locais chamados de *encantoria* e interagem e se relacionam com o território. Também possuem formas de se conectarem com os indígenas. O foco do artigo é descrever a relação entre indígenas, seres encantados e território, procurando observar o território como um lugar que proporciona conexão com todos os seres que o habitam.

Palavras-chave: Seres encantados; Relação; Conexão; Território.

Resumen

Este trabajo, realizado en el territorio Akroá-Gamella en el estado de Maranhão, busca abordar el territorio encantado que alberga una multiplicidad de seres encantados que son antepasados de los pueblos indígenas. Estos seres sagrados viven en lugares llamados encantamientos e interactúan y se relacionan con el territorio. También tienen formas de conectarse con los pueblos indígenas. El enfoque del artículo será describir la relación entre los pueblos indígenas, los seres encantados y el territorio. De esta forma, visualizar el territorio como un lugar que proporciona una conexión con todos los seres que habitan el espacio

Palabras clave: Seres encantados; Relación; Conexión; Territorio.

Introdução

Os encantados permeiam as mais diversas cosmologias, são seres múltiplos e dotados de bastante complexidade a respeito de suas existências dentro dos territórios, podendo ter diversos atributos físicos, morar em paisagens visíveis e invisíveis, bem como ser entidades magnificadas que possuem prestígio e responsabilidade no território. Ao pensar acerca dos seres encantados que vivem no território akroá-gamella, é possível localizar uma multiplicidade de seres agentes de mudança e de extrema importância para os indígenas. Principalmente no processo atual de emergência étnica, no qual estão sendo realizadas retomadas territoriais que trazem consigo outros elementos, como os seres encantados; as paisagens; as memórias; as histórias; as cantigas; os lugares sagrados; a espiritualidade; o sentimento de pertencimento étnico e a coletividade no território (Souza, 2020).

Sendo assim, a presente pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) ainda em andamento. O trabalho de campo realizado para construção desta análise aconteceu entre os meses de janeiro a março de 2018 durante uma pesquisa monográfica¹, na qual foram realizadas 15 entrevistas, registros em material fotográfico e áudio, assim como uma pesquisa documental. O trabalho compreendeu o processo de reconstrução territorial por meio das retomadas realizadas pelo povo Akroá-Gamella do Maranhão. As análises das narrativas ouvidas ao longo do campo, por meio das entrevistas, no decorrer dos rituais, nas rodas de conversas, durante as refeições ou antes de dormir, mostraram as possibilidades de pesquisa acerca da relação e interação entre seres encantados e indígenas, para além do que fora desenvolvido por outras estudiosas². Maristela de Paula Andrade (2008) e Ana Mendes (2019), por exemplo, são duas pesquisadoras reconhecidas pelos Akroá-Gamella. Maristela de Paula Andrade (2008) esteve presente no território entre os anos 1982 e 1990, documentando o conflito territorial causado pela grilagem e o esbulho da terra e fazendo uma reconstrução histórica do aldeamento do povo na região, do surgimento da Terra dos Índios e da disputa territorial que perdura desde a colonização. Ana Mendes (2019), por sua vez, esteve em campo entre os anos de 2017 e 2018 para documentar os relatos após o evento racista e violento ocorrido no dia 30 de abril de 2017, um massacre promovido por não indígenas devido

1. Com o surgimento do problema sanitário instalado no mundo devido à Covid-19, não tive possibilidade de ir a campo para construção da dissertação, então como saída utilizei os dados de campo monográfico para a realização dessa pesquisa.

2. Fui a campo pela primeira vez em 27 de janeiro de 2018. Aconteceria uma assembleia que reuniria as pessoas do território, o que aproveitaria para explicar o projeto de pesquisa e para apresentar o pedido de anuência. O contato para minha primeira ida foi articulado com Caw, uma das lideranças akroá-gamella. Consegui o seu contato pessoal e de mais lideranças por intermédio de uma servidora da FUNAI de São Luís – MA. Ela me repassou o contato de duas lideranças Akroá-Gamella, porém foi com Caw que consegui entrar em contato e articular minha ida a campo. Não tive auxílio de nenhuma instituição, organização que desenvolve atividade no território ou até mesmo companhia de outros pesquisadores. Minha entrada em campo foi sozinha.

à intensificação dos conflitos que envolvem a disputa pelo território. Este trabalho, portanto, é fruto das experiências em campo durante o ano de 2018, de visitas breves realizadas em 2020, mas também do conhecimento acumulado pelas pesquisadoras Ana Mendes (2019) e Maristela de Paula Andrade (2008). Contudo, a presente pesquisa, apesar de ter como pano de fundo o debate sobre território, tem como foco trabalhar a relação e as formas de conexões entre indígenas e os seres encantados. Antes de partir para o ponto central do trabalho, apresento uma breve contextualização histórica do povo Akroá-Gamella no Maranhão.

3. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/historico>. Acessado em 08 de abril de 2021.

Entre os rios Gurguéia e Pindaré

O território akroá-gamella é também conhecido como Terra dos Índios, de acordo com documento oficial datado entre o século XVII e XVIII. Está localizado no Maranhão, na região conhecida como Baixada Maranhense, que é formada por planícies baixas que alagam na época de chuva³. O território fica entre os municípios de Viana, Matinha e Penalva, e possui 10 mil hectares de terra – de acordo com a Carta Régia Data e Sesmarias datadas de 1759, as quais se referem à política de concessão de terras da Coroa Portuguesa, uma estratégia colonial de “doação” de terras muito utilizada para evitar a expansão territorial dos povos indígenas e permitir a efetivação dos projetos agrícolas. Tal tática consistia em regular a área em que os indígenas poderiam se reproduzir social e culturalmente, assim forçando-lhes à territorialização na área escolhida pela Coroa (Oliveira, 1998). Os Akroá-Gamella viviam na região do rio Gurguéia no Piauí, porém migraram para o Maranhão em 1713, de acordo com Relatório Geral do Piauí (D’Alencastre, 1857). A partir de 1747, é possível obter relatos sobre terem povoado a área do baixo rio Mearim, posteriormente seguindo para a região de campos e lagos inundados entre Bacabal e a boca do rio Grajaú (Nimuendaju, 1937). Com o final do século XVIII, o povo Akroá-Gamella abandonou o Baixo Mearim e se deslocou um pouco mais adiante para o noroeste do rio Pindaré, próximo à área em que ocorriam as missões jesuítas de Maracu (Viana) e Carara (Monção), onde fica hoje o atual território (Nimuendaju, 1937). De acordo com Maristela de Paula Andrade (2008), em seu livro *Terra de Índio; identidade étnica e conflito em terras de uso comum* sobre as disputas territoriais enfrentadas pelos indígenas

Akroá-Gamella desde o século XIX, eles viviam entre os rios Mearim e Pindaré, uma região que estava sujeita a enormes disputas territoriais por sesmeiros, visto que acreditavam que ali se encontravam as melhores terras. Era uma região ideal para desenvolvimento de projetos agroeconômicos que à época eram voltados para plantação da cana-de-açúcar e algodão.

Em 1826, a área foi alvo de projetos que tramitaram na Câmara dos Deputados do Império, pedindo a possibilidade de oferecer a terra a 30 colonos para agenciar o espaço por seis anos. E, em 1822, houve um processo, que se encontra arquivado no Tribunal de Justiça do Maranhão, que visava à doação da área para um sesmeiro. O Juiz que julgou o caso proferiu a sentença afirmando que a área estava registrada legalmente desde 1781 e que os marcos que delimitam a totalidade do território indígena deveriam ser aviventados (Andrade, 2008). As pedras que marcam o território e a Carta Régia Data e Sesmaria são utilizadas pelos Akroá-Gamella como conhecimento a respeito do território e também como elemento que legitima o pertencimento histórico da terra.

A política de invasão e comercialização da terra indígena akroá-gamella é algo que ocorre desde o século XIX e se intensifica na década de 1970, quando iniciaram as fraudes cartoriais que visavam à adulteração dos documentos em cartório com a ajuda de autoridades locais para ratificar e oferecer um caráter de legalidade (Andrade, 2008). Esses conhecimentos também são acionados para romper com as narrativas e os movimentos políticos herdados da colonização que insistem em afirmar que não existem mais indígenas na região. Tais investidas políticas acontecem com a finalidade de promover os planos do Estado ou empreendimentos privados, logo, visando ao parcelamento da terra.

No século XX, houve uma declaração do governo anunciando que os Akroá-Gamella estariam extintos. Juntamente a essa declaração, em 17 de julho de 1969, sanciona-se a Lei 2.979 (conhecida como Lei Sarney de Terras), que corresponde a leilões que ofertaram as terras públicas do Estado na tentativa de modernizar o setor agrário maranhense (Maranhão, 1969). Contudo, o que sucedeu foram as intensificações dos conflitos territoriais devido às terras terem sido entregues a grandes grupos latifundiários. Efetuou-se na região uma corrida para obter áreas para criação de búfalos. A zona é caracterizada por ser um

lugar banhado por muitos rios e igarapés, e seus campos, que ficam inundados no período de chuva, tornam-se propícios à criação desses e de outros bovinos.

Por conta das invasões e esbulho da terra que ganharam força na década de 1970, afetou-se drasticamente os seguintes aspectos do modo de vida dos indígenas: não detinham mais áreas para roça; as casas estavam *espreitadas*, como pude ouvir diversas vezes em campo; o território sofria com o desmatamento e o assoreamento do rio; o fim de olhos d'água ou igarapés devido à criação de búfalos; insegurança e medo; seres encantados e lugares sagrados afetados por terem suas paisagens destruídas. Porém, como foi dito, os conflitos territoriais foram intensificados com as políticas estatais que parcelaram o território, alcançando uma época que os Akroá-Gamella caracterizam como *silenciamento*.

Kum Tum Akroá-Gamella, em uma entrevista para TV WEB Cultura, durante a Teia dos Povos de 2017⁴, na Bahia, afirmou que esse momento de *silenciamento* foi como uma pedra colocada pelo estado do Maranhão, todavia utilizaram esse intervalo de tempo em que foram silenciados para fortalecimento interno e assim posteriormente ressurgirem enquanto povo.

Apesar do encobrimento feito pelo colonizador, pelo invasor, nós não somos povos derrotados.... A palavra de um parente nosso lá, Gamella: "A gente viveu durante muitos anos, durante muito tempo debaixo de uma pedra, até o momento que a gente disse não, agora é preciso sair dessa invisibilidade". E a gente sai não pedindo que alguém tire a pedra de cima de nós, acho que esse é um processo que a gente tem muita consciência. Nós não estamos pedindo para alguém tirar a pedra, a folha de cima de nós. Nós temos forças para nos tirar nós mesmo. E essa força vem da nossa ancestralidade, da relação que nós temos com nossa terra, com nosso território, da relação que nós temos com os nossos encantados. É essa relação que nos dar força para nós nos levantar e falar que nós não estamos extintos, nós existimos e esse aqui é o nosso chão (Kum Tum Akroá-Gamella, TV Web Cultura, 2017).

Em decorrência do esbulho territorial, o povo Akroá-Gamella autodeclarou-se publicamente indígena em 2014, tal como previsto pela Convenção 169 da Organização dos Trabalhadores (OIT). E, como efeito da autodeclaração, eles têm realizado retomadas de terras. Ao todo foram 11 dessas retomadas no decorrer dos anos de 2014 a 2017.

Minha chegada a campo foi logo após uma tentativa de massacre organizada contra os indígenas, no dia 30 de abril de 2017. O even-

4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=maqeXNcbYac>. Acessado em 08 de abril de 2021.

to intitulado Marcha da Paz foi articulado por não indígenas que não concordavam com as retomadas de terra que estavam sendo realizadas pelos indígenas. Houve a participação de fazendeiros, empresários, moradores locais, políticos, líderes religiosos e jagunços. Todos unidos para barrar a luta territorial dos indígenas. O evento culminou em uma tentativa de massacre contra o povo Akroá-Gamella, ao todo foram 22 indígenas feridos no conflito⁵. Além das lesões corporais, ficou o trauma do conflito. O episódio foi violento e expressa de várias formas o racismo a que foram submetidos os indígenas. Todos os temores que os conflitos territoriais causaram e causam na vida dos indígenas estavam presentes nas narrativas que pude ouvir no cotidiano. Em especial, quando falavam das recuperações territoriais e do que as motivaram, eles mencionavam os seres encantados. Afinal, essas movimentações políticas de retomada de terras tradicionais são legítimas para os indígenas, pois os seres encantados, que são os donos da terra, além de estarem presentes nos processos de retomada, permitem que os indígenas construam sua vida, seu local de trabalho, afeto e significação naquele espaço (Henrique, 2020). É importante também observar que, ao trazerem os seres encantados nas movimentações políticas, as narrativas míticas se tornam elementos políticos que legitimam o pertencimento histórico no território, assim como se tornam um fator crucial para as articulações em torno das retomadas das terras tradicionais (Rappaport, 2000).

Em campo, aconteceu um primeiro contato com os seres encantados por meio da retomada de terra. Durante o tempo que pude conviver com o povo Akroá-Gamella, fiquei na retomada de um lugar conhecido como aldeia Cajueiro-Piraí. Ao longo de todo o campo, dormi na sala da casa que ficava na área retomada. Nos primeiros dias, não conseguia dormir durante a noite. Sempre na madrugada, eu acordava com a sensação de que alguém estava respirando muito perto do meu ouvido. Algumas vezes senti que minha rede estava sendo balançada. Acordava assustada, ligava a lanterna, procurando ver se era alguém que estava próximo, porém nunca pude ver ninguém. Na terceira noite, fiquei praticamente acordada até o dia amanhecer, e, no momento em que cochilei, senti alguém muito próximo. Minha rede foi sacudida duas vezes naquela noite, então chamei Seu Antônio que estava deitado na varanda. Expliquei o ocorrido, ele riu um pouco e disse que poderia ser João Piraí, que é um encantado e dono do local onde eu estava.

5. Os participantes da marcha embebidos de ódio, golpearam indígenas de uma forma muito bem conhecida na Baixada Maranhense: o método utilizado para abate de animais que invadem cercas e roças.

Então deveria pedir permissão a ele para continuar no território. Deitada na rede pedi para João Piraí deixar-me ficar, desde então pude dormir sossegada.

Estar em uma retomada que carrega o nome de um encantado proporcionou-me um contato intenso tanto com as demandas relacionadas ao retorno da terra. Além disso, pude ouvir as experiências individuais e coletivas que tiveram com os seres encantados. Essas trocas de conversas e vivências foram caminhos que me inseriram em um território habitado por vários seres encantados. Sempre quando falavam dos efeitos e das causas para retomarem a terra, os seres sagrados estavam presentes nas narrativas. Retomavam os espaços que estavam sob posse de não indígenas para que os seres encantados pudessem habitar novamente no território, pois as *moradas*, que são locais sagrados por abrigar esses seres, foram destruídas devido às intervenções ambientais. Exemplos disso são a derrubada de plantas nativas para pastagem e o assoreamento dos rios pelos fazendeiros, os quais acarretam em distanciamento dos seres encantados do território.

Os Akroá-Gamella conversaram bastante sobre os encantados. Eu gostava de poder ouvir as experiências que tiveram ou ouviram dos mais velhos. Nas noites em que ficávamos esperando a hora de dormir na retomada Piraí, sentava com Mandioca e Seu Antônio, moradores respectivamente das aldeias Tabocal e Centro do Antero, para ouvi-los contar sobre as cantigas sagradas e os rituais de proteção e defesa dos locais de *encantoria*. Nos relatos, faz-se presente a defesa do território para que possam recuperar ou manter os pontos de *encantoria* preservados das intervenções ambientais. Estão afirmando que esses espaços sofrem fortes intervenções que distanciam os seres encantados, algo recorrente na fala dos mais velhos. O desencantamento do lugar é efeito da partida dos encantados. Trata-se de um desencantamento ligado diretamente à presença do homem e de suas intervenções na morada desses seres (Fernandes, 2015).

Portanto, pelo que me informam as narrativas akroá-gamella, as retomadas não são unicamente recuperações territoriais, são também retomadas de relações. O momento era de fortalecimento das relações que estavam enfraquecidas devido ao esbulho das terras, seja entre os indígenas, ou entre eles e os seres encantados, os quais são seus ancestrais.⁶

6. Por ora cabe somente compreender que os seres encantados são ancestrais dos Akroá-Gamella. No tópico seguinte, explicarei melhor sobre essa relação.

Jaurê, que mora na aldeia Cajueiro, entende que as retomadas proporcionaram um resgate de relações: “então foi uma forma assim que as retomadas foi [...] um avanço muito grande, resgatamos o trabalho coletivo. Mas tu sabe que foi uma das conquistas do trabalho coletivo”. Essa construção ativa e coletiva do território marcou outras narrativas que traziam os seres encantados como parte dessa conquista das retomadas de relações (Alarcon, 2013).

As retomadas concretizadas pelos Akroá-Gamella durante os anos de 2014 a 2017 foram em áreas que reconhecem enquanto espaços sagrados por abrigarem os seres encantados. Esses locais são chamados de *encantorias*, *pontos de índio* ou *pontos sagrados*, os quais permitem relações entre todos os seres que vivem no território. Compreendendo o território como um espaço que abriga toda a cosmovisão, ou seja, como substrato da cultura akroá-gamella, mas também sendo um lugar que exterioriza um conjunto de seres, bens, valores e conhecimento que dão sentido à vida (Gallois, 2004), então eles identificam-no como um lugar que reflete múltiplos conhecimentos ambientais (Branch; Silva, 1983). Em outras palavras, o território representa todo conhecimento de bens, valores, paisagens, seres visíveis (plantas, animais), seres invisíveis (seres encantados) e domínios. E esse entendimento, sobre os seres sagrados e os seus domínios, é fundamental para motivá-los a retomarem as suas terras tradicionais, que muitas vezes estão sobrepostas por lugares sagrados que são as moradas dos seres encantados.

Experenciar o cotidiano na retomada, as narrativas ouvidas em rodas de conversa no final do dia sobre as várias vivências que o povo Akroá-Gamella acumulou no(s) território(s) ao longo dos séculos entre os rios Mearim e Pindaré, bem como ouvir as cantigas sagradas cantadas nos rituais proporcionaram esse contato com um território encantado que abriga uma diversidade de seres sagrados. Portanto, este trabalho se volta para a descrição do território encantado dos Akroá-Gamella e as formas de conexões entre indígenas e seres encantados. Uma cantiga sagrada diz que “terra de caboclo é terra de encantoria”, então apresentaremos primeiramente o que seria essa terra de *encantoria* que reflete a totalidade de seres sagrados existentes, como as *mães d’águas*, as pessoas e os animais encantados. O território emerge desses seres encantados que são, antes de tudo, os ancestrais dos Akroá-Gamella. Posteriormente, apresentaremos formas de conexão entre esses seres encantados e indígenas, levando-nos a concluir que o território é

como uma teia de aranha. Semelhantemente aos nódulos tecidos por este animal, o território akroá-gamella têm pontos de conectivos que ligam tudo e todos (os seres sagrados e os indígenas).

Algo também importante de mencionar é que o povo Akroá-Gamella refere-se aos seres, aos locais em que vivem e às cantigas como elementos sagrados da sua cultura. O documento certifica-lhes que a criação da Terra dos Índios também é algo sagrado. Esses elementos são fontes de conhecimento para os indígenas, representam toda a relação que desenvolvem com a paisagem, seres encantados, lugares, memória e afeto (Cayón, 2012). Afinal, os seres, os lugares e as cantigas ensinam os indígenas a curarem, trabalharem com as ervas. Assim, percebendo que o conhecimento indígena que vem por meio do que categorizam como sagrado faz parte de uma grande matriz epistemológica que codifica o conhecimento sobre o mundo. Como dito anteriormente, os elementos são categorizados como sagrado refletem a memória e a história sobre o mundo (Cayón; Chacon, 2014).

Diante das narrativas no território akroá-gamella, é imprescindível buscar uma abordagem que compreenda o território como um lugar que é habitado por uma pluralidade de seres, sendo necessário um foco etnográfico para além do humano, como Eduardo Kohn (2013) busca trabalhar uma antropologia que compreenda o mundo e suas linguagens além do humano. Tendo em vista que essa pluralidade de seres interrelaciona-se no território, ela também o representa e interage.

Os Akroá-Gamella percebem os seres encantados como humanos, pois, ao analisarmos as narrativas sobre esses seres, observamos que são dotados com as mesmas faculdades, comportamentos e código moral, além de viverem no mesmo plano em que habitam os encantados (Wawzyniak, 2012). Os Akroá-Gamella sugerem que estes são humanos porque têm a mesma interioridade, também agem de acordo com as mesmas normas sociais e preceitos éticos. Deste modo, vivem no mesmo território, fazem parte da mesma comunidade e possuem agência e eficácia sobre o mundo (Descola, 2005). Esses seres também possuem a capacidade de se comunicar, têm relações sociais, reciprocidade, subjetividade e interação (Santos Granero, 2009). Essa capacidade de comunicação e interação é importantíssima para compreender como esses seres se relacionam com os indígenas e com o território. Algo que será explorado a seguir.

O território habitado por seres invisíveis

Os não humanos são descritos por meio de uma categoria genérica comumente chamada de *seres encantados*. São especificados como *encantados*, *mães d'água* e *animais encantados*. Estes seres são considerados seus ancestrais que, antes de se encantarem, povoaram a região entre os rios Mearim e Pindaré em um determinado momento de suas vidas. Não existe uma explicação do porquê e de como esses seres se encantaram. Esses seres são usualmente associados a questões espirituais, de cura, proteção e por terem todo o conhecimento cosmológico. Vivem nas paisagens do território de maneira invisível, mas são vistos ou sentidos quando querem. São seres magnificados, possuem prestígio, responsabilidade, poderes, conhecimento, além de serem comumente relacionados à proteção dos indígenas e ao controle do território (Fausto, 2008). Os seres podem assumir outras formas corpóreas, encantarem, curarem e ensinarem.

Os lugares sagrados que são a morada dos seres encantados, como dito anteriormente, estão situados nas paisagens que compõem o território akroá-gamella. Ou seja, nos rios, igarapés, matas, no ar e nos olhos d'água. Esses espaços sagrados refletem alguns elementos fundamentais para os indígenas, como me explicava Seu Antônio, que hoje possui 50 anos e mora na aldeia Centro do Antero. Enquanto conversamos na aldeia Piraí, relatou que os *lugares sagrados* são fontes de conhecimentos e conexão com os seres. Alguns locais como Lagoa das Flores, Lagoa da Contra-erva e Mormoraná são *pontos sagrados* que podem oferecer flores e ervas imprescindíveis para medicina tradicional de seu povo. Além de tudo, as plantas nasceram e sempre estiveram presentes nos locais de *encantoria*, não foram plantadas. Há também os pontos em Fragrato, aldeia Piraí-Cajueiro, que possuem nascentes e olhos d'água essenciais para sobrevivência dos encantados, mães d'água e animais encantados cujas vivências no território nos apresenta toda sua complexidade e multiplicidade.

Esses seres transitam por todas as paisagens, porém mantêm agência com as *moradas* ou *pontos de encantoria*. Estes são locais sagrados para os Akroá-Gamella por refletirem encantamento, força e conexão com os seres encantados, como me explicava Mandioca. Descrevem esses seres como donos dos locais de *encantoria* e que exercem um domínio sobre esse espaço (Fausto, 2008). Por vezes também é pos-

sível ouvir que são donos do território akroá-gamella, assim exercendo domínio por diversas áreas. E esse domínio pode ser traduzido em uma categoria que utilizo para descrever a relação entre humanos e não humanos no território (Fausto, 2008).

Nesses espaços é essencial que se mantenha respeito e cuidado, ou seja, é necessária uma conduta ao estar nos lugares sagrados. Nas narrativas dos mais velhos do território, eles deixavam muito claro que os seres encantados não gostam de serem importunados. Esses infortúnios são marcados pela presença constante de pessoas perto das moradas ou alguma degradação ambiental que acarreta o afastamento dos seres do lugar. Seu Pitácio, hoje com 81 anos e morador da aldeia Tabocal, relatava que os seres sagrados brincam, gostam de descansar e desfrutar da paisagem. Afirmou que, quando chegou na aldeia Tabocal para morar, as mães d'águas, por serem bravas e avessas à presença de pessoas nas suas moradas, que são em locais com água, passavam o dia chamando seu nome. Todavia, com o tempo, elas foram se acostumando com ele.

Como dito anteriormente, ao explicarem sobre as *encantorias*, torna-se essencial conhecer cada ser que vive nesses lugares, pois, a partir de sua presença no território, é possível visualizar aquele espaço como uma teia de conexões. Portanto, através desses seres, podem aprender curar; ter acesso às ervas medicinais e desenvolverem a medicina tradicional; conseguirem realizar os rituais e alcançarem a proteção, conexão espiritual e força necessária, inclusive para retomar o território. Os seres sagrados fazem parte do território e de tudo que possuem nele, sendo necessário que as áreas onde vivem não sofram impactos ambientais, portanto isso recai diretamente sobre a permanência desses seres no território.

É a presença dessa paisagem sem degradações ambientais que garante que esses seres vivam no território e seja possível a relação entre indígenas e seres encantados. É necessária a permanência desses seres para que o povo Akroá-Gamella consiga se conectar com eles. Seja a vivência gerada pelos espaços sagrados, conexão por meio do cantar, do sonhar, do ver, ouvir, do conhecimento sobre a cartografia sagrada ou até mesmo aprender sobre como curar. Nos próximos tópicos, apresentaremos algumas categorias de seres encantados.

Encantados

Os encantados são homens e mulheres que vivem no território de maneira invisível. Suas *moradas* estão localizadas nos rios, igarapés, lagos, açudes, olhos d'água e mata. Seu Marcírio, hoje com 80 anos, relatava que os encantados têm vida social parecida com a dos indígenas. Afirmou que eles gostam de brincar, dormir, andar de dia e de noite pela terra, também vivenciam a paisagem e interagem com ela. Na maior parte do tempo vivem no território de forma invisível, porém há possibilidade de se mostrarem para alguém quando necessário. Contudo, não são todas as pessoas que podem vê-los, de acordo com seu Marcírio, somente “quem tem olho limpo vê, quem não tem não vê”. O *olho limpo* para ver os encantados está ligado às questões espirituais de quem têm uma relação muito próxima com esses seres, podem ser crianças ou adultos, não há uma faixa etária estabelecida para quem pode ver ou ouvir.

Além do mais, algumas pessoas são conhecidas no território por serem *curadoras*, termo utilizado para descrever quem pode curar e *receber*. Esse verbo que tanto ouvi falar quando estavam construindo narrativa sobre os encantados significa uma ação de mudança de status, pois, ao incorporar algum encantado, quem *recebe* deixa de ser quem é e passa a agir de acordo com o encantado que está recebendo. Porém, para que consiga incorporar algum encantado, é necessário ter uma *cabeça aberta*, não é algo visível, muito menos expressa que a pessoa tenha alguma abertura física na cabeça. Está mais para uma espécie de qualificação de alguém que pode incorporar os encantados. Seu Pitácio, ao explicar sobre os encantados, disse que precisavam ser abertos. Esta abertura da cabeça é como caracterizam quem pode *receber* algum encantado, e isso é algo inato. Seu Antônio explicava-me que não pode *receber*, mas que sente a força dos encantados protegendo-o.

Mães d'água

Existem muitas narrativas sobre as mães d'águas que tecem diversas histórias que os mais velhos contam. Elas vivem em regiões do território cercadas por água, como poços e olhos d'água que estão sempre perto dos juçarais⁷. Gabão afirmou que “num tem um lugar nesse território

7. Juçara é uma palmeira nativa que fornece um fruto do qual é possível extrair um sumo que se toma puro ou acompanhado de farinha, açúcar, peixe ou camarão. Essa palmeira nativa muito presente na vida dos maranhenses é conhecida popularmente em outras regiões do país como açai.

que não tenha juçaral, e todo juçaral tem olho d'água, lá esses olho d'água veio cheio tem encantoria". Há inúmeras referências das mães d'águas viverem próximas a juçarais.

Elas são mulheres de baixíssima estatura, têm cabelos longos, vivem nas águas, mas, quando estão andando na mata, costumam ficar dentro dos troncos de algumas árvores. As mães d'águas também são invisíveis, mas podem se mostrar para outras pessoas quando querem. Porém, para vê-las ou ouvi-las, é preciso ter os *olhos abertos* como afirmou seu Pitácio. *Olhos abertos* ou *visão limpa* são características necessárias para que consigam ver, ouvir e sentir a presença de todos os seres encantados.

As narrativas relatam que as mães d'águas ficam no território brincando e cuidando de sua morada, principalmente dos olhos d'águas. Apesar de brincarem entre elas, afirmam que as mães d'águas não gostam de interferência em suas moradas, irritam-se quando ocorre muita movimentação de pessoas próxima ao local onde vivem. Seu Marcírio disse que antigamente podia ouvi-las falando e batendo roupa perto dos olhos d'água ou de um poço perto da casa de Antero, seu pai. Nesse local ninguém pode criar animais. Elas conversavam muito, contavam tantas histórias que às vezes pensavam que eram outros indígenas falando. Mas, ao chegarem lá, não viam ninguém, só dava para ouvir a movimentação delas. Relata que elas, por mais que falem e brinquem o dia todo, gostam do silêncio e de que suas moradas não sejam movimentadas. Devido à aproximação das casas e à destruição de muitos olhos d'água ou poços, as mães d'águas foram indo embora para outros lugares, contudo, após as retomadas de terras, estão voltando a viver nas proximidades.

Animais encantados

Não são todos os animais que vivem no território que são encantados. Existem alguns animais que, independente da espécie, podem se tornar encantados por viverem em locais sagrados ou por usarem algum encantado para se comunicarem com os indígenas. Eles vivem nas paisagens que o território possui. De modo geral, são visíveis para as pessoas, porém nem todos conseguem distinguir se determinado animal é encantado somente ao olhá-lo. Existem algumas narrativas sobre esses animais. Há desde aquelas narrativas que contam sobre

animais que encantaram pessoas que não aceitaram ser seus *curadores*, sobre animais que visitaram pessoas para avisá-las ou darem-lhes recados, até narrativas sobre animais encantados que viviam nos locais chamados *pontos sagrados*, aos quais só se pode ter acesso mediante autorização desses entes.

Dona Dica narrava uma história que ouviu de sua sogra que, ao sair para pegar coco babaçu em Fragato, sentia sede durante a caminhada e, por isso, costumava beber em um rio que passava próximo ao local aos babaçuais. Esse local em que bebia água é um lugar de *encantoria* e era necessário que, antes beber água ou pescar, pedissem permissão para um peixe que era responsável pelo rio, ou então ele agitava a água de maneira que o barro subisse, deixando a água imprópria para o consumo e a pesca.

Estar no território é poder vivenciar as conexões com os seres encantados

Em campo era comum ouvir a respeito de como estavam buscando se conectar com os seres sagrados. Narravam histórias sobre os rituais coletivos e individuais que faziam, sobre os ensinamentos e dons que recebiam dos seres encantados, ou de como os sonhos são avisos, e os cantos são uma forma de conexão ritual. As multiplicidades de narrativas que fazem referências aos seres sagrados no território akroá-gamella e às relações que mantêm com eles são fruto das práticas, histórias e saberes que desenvolvem com os seres encantados e suas *encantorias*. As experiências que possuem com esses seres vão moldando várias realidades, assim produzindo uma multiplicidade de relatos, visto que concebem mundos diferentes. Não há como descrever uma única história sobre os seres sagrados ou apenas uma forma possível de conexão ritual, pois as maneiras como performam essa interação com os seres são múltiplas. Anniemarie Mol (2002) compreende a diversidade de relatos através da política ontológica, o que possibilita visualizar a multiplicidade de narrativas e práticas do povo Akroá-Gamella com os seres encantados. Ou seja, é devido a forma como cada um se relaciona com esses seres que possibilita a criação de realidades distintas. Não há como haver uma única narrativa, sendo que são diferentes as formas como performam as experiências com os seres encantados, as moradas sagradas, os rituais, as cantigas sagradas, os sonhos e as visões.

Essas conexões, são formas de interação entre os seres presentes no território. Categorizei em três formas os tipos de conexão. A primeira é a respeito da incorporação; a segunda é o canto, tendo em vista que o cantar age como uma forma de chamado dos seres sagrados; e a terceira, por fim, são as visões e sonhos.

A primeira maneira de conexão refere-se ao *curador*. Quem possui a *cabeça aberta* tem a condição que permite poder curar e *receber* encantado, como falado anteriormente. Dessa forma, a partir do momento que se pode *receber* algum encantado, essa relação é estendida para que esse ser sagrado possa usar seu corpo, seja para realizar uma cura ou aconselhar. A incorporação desses encantados é uma das maneiras de conexão espiritual e pode surgir de diversas formas.

Recordo-me de Dona Lili, uma moradora da aldeia Nova Vila, hoje com 81 anos. Em uma conversa, ela relatou sobre uma curandeira que vivia no território akroá-gamella e que curou seu filho. Essa história que Dona Lili conta mostra que, para além da incorporação, existe uma relação profunda estabelecida com o encantado. Alguns relatam que os encantados apareciam em suas casas e ensinavam como deviam usar as ervas para fazer remédio, como curar algumas doenças e benzer.

Quando mais nova, Dona Lili levou seu filho Oscar, que na época era uma criança, para pescar cascudo no rio. Enquanto ajudava Dona Lili a pescar com uma vara de madeira que achou próximo ao rio, Seu Oscar machucou as costas de um encantado chamado João Piraí. Ao espetar as costas desse encantado, Seu Oscar acabou sendo *flechado*. Essa expressão faz referência a uma flecha invisível lançada que atingirá determinada parte do seu corpo. Isso acontece como uma forma de punição por ter machucado o encantado. Dona Lili procurou uma curandeira que tinha no território para tirar a *flechada*, porque, ao chegar em sua casa após a pesca, Seu Oscar passou a noite com fortes dores na barriga. Então achou melhor ir até a casa da curadora, mas, chegando lá, não foi preciso contar o motivo de ter ido, pois afirmou que João Piraí já contara o motivo de ter feito isso. Seu Oscar o machucou com um pedaço de toco enquanto perfurava o rio em que o encantado mora.

Dona Lili disse que não queria ouvir, pois, em suas palavras, a curandeira “era cachorra de João Piraí”. Ao falar isso, ela logo riu. Nessa situação, comentou falando da intimidade muito profunda que essa curandeira, a qual não recordou o nome, tinha com João Piraí, de

conversar com ele e senti-lo nos espaços, assim podendo saber de qualquer informação ou situação que acontecesse. À vista disso, João Pirai contava-lhe, ensinava-lhe curar.

A segunda forma de conexão é o cantar. Ailton Krenak (2019) pontua que o cantar permite acessar um espaço mágico que ele chama de *suspender o céu*. O autor pretende mostrar que o céu suspenso faz parte de várias cosmologias indígenas e está relacionado diretamente à forma como o horizonte existencial é ampliado. Ou seja, as cantigas e as danças proporcionam possibilidades para interpretar a realidade de diversas maneiras, visto que recontam histórias sobre a criação, entrada a territórios míticos, cura e força. Então, os cantos e as danças são caminhos que permitem acessar outras percepções, lugares e tempo a respeito da realidade.

Nesse mesmo sentido, Steven Feld (2012) acredita que era possível conhecer o mundo por meio dos sons, pois as músicas cantadas ou tocadas em rituais estão presentes no cotidiano das pessoas, como acontecia com o povo Kaluli em Bosavi. Através do conto sobre como um garoto se transformou em um pássaro, observou que isso influenciou diretamente na forma como faziam as classificações morfológicas, elas eram baseadas nos sons que os pássaros emitem. Assim, os sons agiam como definidor para os papéis sociais entre homens e mulheres, concluindo que os cantos nos possibilitam compreender e conhecer o mundo.

Pensar o cantar ou som como uma possibilidade de suspender o céu ajuda a entendê-los como forma de conexão, seja em relação a descrições de eventos históricos ou um mundo mítico. De alguma maneira, essas cantigas se conectam com algo que buscam descrever. Além do mais, se for observar o processo de criação desses cantos, as letras ou as melodias são ofertadas por meio de sonhos, visões ou inspirações em animais que possuem alguma simbologia mítica. Ou seja, para a realização das cantigas, de algum modo, houve uma conexão com outros seres.

Não há indícios de como e quando os cantos sagrados dos Akroá-Gamella foram criados, mas são cantigas ancestrais passadas de geração à geração. Por isso a oralidade é essencial nesse processo de permanência das cantigas na vida dos indígenas. As cantigas sagradas descrevem os seres encantados que vivem no território, seus nomes, os locais onde moram e até mesmo cantos que evocam características

de como o povo Akroá-Gamella se vê. Podemos observar na cantiga entoada por Dominginho durante um ritual na Aldeia Cajueiro-Piraí: “Eu vou dizer meu nome que é pra poder me chamar/ Eu que sou caboclo índio/ Eu nasci de sete meses/ Fui criado pela mata /Eu moro entre a mata e os palmeirais”.

O cantar promove transformações que permitem acessar locais por meio das cantigas que descrevem seres, lugares e sensações. Utilizo o conceito de *duplo invisível* com a qual Carlos Severi (2014) busca explicar sobre a comunicação que acontece durante o ritual. O objetivo é se apropriar da ideia central do autor, mas levando em consideração as diferenças e peculiaridades do povo Akroá-Gamella. Carlos Severi (2007), ao observar as ações realizadas nos rituais, pontua o quanto os cânticos xamânicos são importantes. As cantigas que são entoadas nos rituais não mostram lugares que só existem na hora que estão sendo cantadas. Todavia, ao observar as descrições que são feitas sobre lugares sagrados e seres encantados, tem-se a possibilidade de conhecer lugares que existem, são visíveis a todos e que podem ser vistos não apenas como espaços quaisquer da paisagem, mas como lugares sagrados e importantes para o povo Akroá-Gamella.

A partir dos cantos, as visões são ampliadas para compreender os espaços visíveis. Como disse Seu Pitácio, são necessários os *olhos abertos*, pois as cantigas apresentadas trazem descrições detalhadas dos espaços que promovem a mudança dessa lente e permitem acessar paisagens que são concebidas como espaços míticos. Observemos isso em uma cantiga muito cantada nos rituais em que descrevem a morada de uma encantada: “Eu sou juraranzinho/Lá do poço de beber/Eu sou Juraranzinho/Lá do poço de beber/Lá eu vejo gente/Mas gente não me vê”.

As cantigas de cura, além de apresentarem o território akroá-gamella e seus espaços míticos, falam sobre os esses seres encantados que vivem no território de forma invisível, revelando-se apenas para quem querem. Ou seja, apesar de suas moradas serem visíveis, os mesmos encantados não se deixam ver. Por meio das cantigas, pude conhecer mais sobre os seres encantados que vivem no território, algumas características a respeito da vegetação e sobre esses seres encantados em outros espaços, como nessa cantiga reproduzida acima.

Mandioca falava que, durante o ritual, estavam buscando se conectarem com os seres encantados. As cantigas são tão importantes que

são chamadas de *cantos de cura* ou *cantigas de cura*. As cantigas agem como um chamado, como a cantiga do Caboclo Índio que, ao falar o nome dele, serve para chamá-lo e conectá-lo à atividade de renovação de forças e cura.

O cantar age como um fio condutor para que aconteça uma comunicação entre os seres encantados e os indígenas. Essa comunicação permite que ocorra o fortalecimento das relações que são desenvolvidas no território, possibilitando, desse modo, a cura, a força e a proteção dos seres encantados.

E, por fim, os sonhos e visões. Estes são meios oferecidos pelos seres encantados para que suceda uma conexão e sejam possíveis revelações sobre algo que se realizará. Em outras palavras, alguns sonhos podem ser um *devir*, algo que construirá o futuro, seja a resposta para algo, um aviso ou um ensinamento. Categorizo alguns sonhos que pude ouvir no território como um *devir*, pois, quando narravam os sonhos ou as visões, era possível perceber no discurso a construção de uma realidade futura que foi direcionada pelos seres encantados.

Deste modo, utilizo a categoria *devir* inspirando-me em Barbara Glowczewski (2015). Ao realizar um trabalho com o povo Warlpiri na Austrália, essa autora observou que o sonhar é um processo em que homens e mulheres podem fazer o itinerário mítico, sendo capazes de formar conexões ou mapas, obter desenhos e cantos que são entoados nos rituais e, por fim, conseguir avisos sobre algo.

O sonhar para os Warlpiri é incluir a possibilidade de meios e formas que podem acontecer, ainda assim, estando conectados com a realidade. Os Warlpiri não confundem o que é sonho e o que é realidade, porém constroem uma relação entre os dois de tal modo que um não fica sendo a oposição do outro. Explicam o sonhar e o território existencial como um movimento entre dois planos. *Kankarlu*, “acima”, refere-se ao que constitui o presente, o ambiente terrestre. O *Kanunju*, “abaixo”, traz referência ao passado, subterrâneo, e ao espaço em que tudo pode acontecer. Sendo assim, *kanunju* faz parte de um mundo de possibilidades que pode ser realizado. A autora compreende os sonhos como um *devir*, ou seja, um espaço de possibilidades com o *kuruwarri*, que significa lei. Os Warlpiri afirmam que não têm crença, e sim *kuruwarri*. Apesar desse termo ser traduzido enquanto lei, também é utilizado para referir-se ao sonhar.

Então, relacionar esse *devir* trabalhado conceitualmente pela autora como um espaço de possibilidades de algo que poderá efetuar-se, abre campo para discutir os sonhos akroá-gamella como espaços de possibilidades, de um vir a ser. Esse sonhar também é um momento de conexão com os seres encantados, pois, por meio do sonho, os encantados podem se comunicar com alguém para avisá-lo de algo que o afligirá, explicar-lhe sobre alguma situação ou dar-lhe direcionamentos. Isso pode ser tanto um sonho que se refere ao coletivo quanto pode ser algo mais pessoal. Os sonhos são avisos, mensagens que os seres encantados utilizam para se comunicarem com os indígenas.

Dona Zidora, que tem 77 anos e mora na aldeia Tabocal, relatou que, quando mais nova, teve um sonho de que seria uma *curadora*, ela era ainda jovem e morava com os pais. Ela não se recorda de quantos anos tinha quando esse sonho aconteceu, afirma apenas que sonhou que estava perto de uma planta nativa chamada axixazeira, a qual ficava próxima ao igarapé. Falaram para ela procurar entre as raízes que acharia algumas moedas de ouro e um colar muito grande. Dona Zidora acordou assustada. Como foi a primeira de sua casa a levantar, decidiu ir sozinha ao lugar indicado e não avisar ninguém sobre o sonho. Durante o caminho, disse que viu várias mães d'águas de longe, que eram bem baixinhas e de cabelo comprido, e que, quando ouviam seus passos, escondiam-se em uma árvore cujo tronco é oco. Ao passar pela árvore, Dona Zidora pôde ouvi-las rindo.

Ao chegar no local indicado no sonho, que era um *ponto de sagrado*, começou a cavar perto das raízes da axixazeira que estava no igarapé e logo achou as moedas de ouro. Ela decidiu guardar as moedas na cuia que tinha levado. Continuou a cavar e achou também um cordão com uma cruz de ouro. Enquanto estava colocando o cordão com crucifixo na cuia, ouviu um casal vindo. A mulher com seu esposo se aproximou da plantação e chamou o porco de “desgraçado”, pois ele tinha destruído sua roça. Nesse momento, a cuia que estava com Dona Zidora caiu com tudo dentro do igarapé. Tentou pegar a cuia com as moedas e o cordão, mas não os encontrava. Ela ficou por muito tempo cavando na tentativa de encontrar a cuia perdida no igarapé, porém voltou para casa frustrada. Dona Zidora não contou a ninguém sobre o ocorrido.

Anos depois do acontecido, ao ir a um centro de umbanda, o pai de santo perguntou o porquê de nunca mais retornar ao local sonho.

Dona Zidora disse que ficou surpresa, pois nunca contou para ninguém sobre essa experiência. Respondeu que não sabia do que ele falava, porém o homem respondeu que se tratava do sonho em que ela encontrara moedas de ouro e um crucifixo. O pai de santo afirmou, então, que Dona Zidora poderia voltar qualquer dia ao local que lhe indicaram no sonho, pois as coisas achadas eram dela e ninguém as tomaria. Com o crucifixo, ela seria uma grande curadora. Dona Zidora disse que não queria mais voltar, mas sabia de que o sonho, e tudo que aconteceu, foi algo feito pelos encantados. Assim como as mães d'água chamavam-na no local em que morava quando criança, o sonho de Dona Zidora foi um meio dos seres encantados comunicarem-se e explicarem-lhe sobre seu dom da cura. O sonho foi, enfim, uma possibilidade de realidade e uma forma de conexão.

Um outro sonho foi o que Jaurê teve um dia antes da retomada do dia 30 de abril de 2017. Durante o sonho, ele corria em direção à aldeia Pirai e via na estrada muitos parentes serem mortos; os corpos todos cortados e muito sangue espalhado por onde passava. Em um determinado momento do sonho, estava frente a um muro enorme, que, nas falas de Jaurê, parecia não ter fim. Jaurê acredita que o sonho foi uma mensagem enviada por Deus e pelos seres encantados para avisar da retomada que seria realizada logo mais e que precisam ter cuidado durante a ação.

Em campo, pude ouvir sobre outros sonhos. Algumas pessoas contaram-me sobre eles durante conversas do cotidiano e pediram-me que fossem guardados em segredo. Contudo, quando se observa o sonhar akroá-gamella, é visível que é um espaço de possibilidades, de *devoir*, em que os seres encantados podem se conectar com os indígenas e comunicar-lhes a respeito de algo que acontecerá. O sonhar é um momento de conexão que abre para uma multiplicidade de coisas que poderão existir.

Os sonhos, as visões, as visitas, os cantos de cura, incorporação, os lugares sagrados no território são caminhos que levam até os seres encantados. Esses caminhos são formas de conexão que existem para que haja comunicação entre todos os seres que habitam o território akroá-gamella. A comunicação é o que garante a relacionalidade entre os seres sagrados e os indígenas. Essas maneiras descritas nesse tópico tratam-se de caminhos que utilizam para que se conectem com os seres que vivem no território, seja por meio do canto que apresenta o territó-

rio mítico, a incorporação que possibilita *receber* os encantados e poder curar, seja os sonhos, as visões e as visitas de animais. Todos são caminhos que levam a se conectarem com o sagrado, o mundo encantado.

Conclusão

Neste trabalho buscamos apresentar, por meio da cantiga “*terra de caboclo é terra de encantaria*”, o território akroá-gamella que abriga uma multiplicidade de seres sagrados que vivem em suas *moradas* que são chamadas de *pontos sagrados*, *pontos de índios* e *encantorias*, os quais, por sua vez, são lugares sagrados que estão localizados nas paisagens presentes no território. Sendo assim, é imprescindível que o território seja preservado, pois as intervenções ambientais realizadas pelos não indígenas destroem suas *moradas* e acarretam o afastamento desses seres.

Os seres encantados são grandes responsáveis por preservar a cultura akroá-gamella, como me explicava Caw, que tem 41 anos e mora na aldeia Nova Vila. Segundo ele, os encantados distanciaram-se da sua cultura sempre quando os lugares sagrados foram tomados, e, ao ficarem sob posse de não indígenas, essas áreas sofreram grandes impactos ambientais. A consequência disso foi o deslocamento dos seres encantados para outros lugares.

Enfim, esses seres estão sempre à frente quando o assunto é as demandas políticas e territoriais, pois é preciso ter cuidado com as *moradas* para que haja a sobrevivência e permanência deles no território, tendo em vista que é a partir dos seres sagrados que o povo Akroá-Gamella tem conhecimento sobre as ervas medicinais; podem ser curados; ensinados a curar e a benzer; ter acesso ao território mítico e às cantigas sagradas; ser avisados de algo por meio dos sonhos e visões. O povo Akroá-Gamella, durante a vida, busca estreitar essa conexão, principalmente no processo de retomada em que as relações estão sendo reconstruídas, em especial a relação com os seres sagrados.

Referências

- Alarcon, Daniela Fernandes. 2013. *O retorno da terra: As retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. Dissertação de mestrado, UNB, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Branch, Lyn C.; Silva, Marlene F. da. 1983. "Folk medicine of Alter do chao, Para, Brazil". *Acta Amazonica* 13: 737-797.
- Cayón, Luís. 2012. "Lugares sagrados y camino de curación: Apuntes para el estudio comparativo del conocimiento geográfico de los Tukano Oriental". Andrello, Geraldo (org.). *Rotas de criação e transformação*. Ed 1. São Paulo. Instituto Socioambiental; FOIRN - Federação das Organizações Indígenas, 168-194.
- Cayón, Luis; Chacon, Thiago. 2014. Conocimiento, historia y lugares sagrados. La formación del sistema regional del alto río Negro desde una visión interdisciplinar. *Anuário Antropológico* 39 (2): 201-236. <https://journals.openedition.org/aa/1294>.
- D'Alancastre, Jose Pereira. 1857. "Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 20 (1): 6-57.
- Descola, Philippe. 2005. *Mas allá de naturaleza e cultura*. Amorrortu Editores. Buenos Aires.
- Fausto, Carlos. 2008. "Donos demais: maestria e domínio na Amazônia". *Mana* 14 (2): 329-366. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200003>.
- Feld, Steven. 2012. *Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Gallois, Dominique Tilkin. 2004. "Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?". In: Ricardo, Fany (org.). *Terras Indígenas e Unidades de Conservação da natureza: O desafio das sobreposições*. São Paulo, Instituto Socioambiental, 37-41.
- Glowczewki, Barbara. 2015. *Devires totêmicos: cosmopolítica dos sonhos*. Tradução de Jamille Pinheiro e Abrahão de Oliveira Santos. São Paulo. Edição bilíngue.
- Henrique, Fernanda Borges. 2020. "As múltiplas agências dos encantados: esboço de uma teoria política kiriri". *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología* 41: 57-77. <https://doi.org/10.7440/antipoda41.2020.03>.
- Kohn, Eduardo. 2013. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press.
- Krenak, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maranhão. Lei Nº 2.968 de 17 de junho de 1969.
- Mol, Annemarie. 2002. *The body multiple: ontology in medical practice*. In: Nunes, J. A. Duke University Press Durham and London.
- Nimuendaju, Curt. 1937. "The Gamella Indians". *Primitive Man*. 10 (3 e 4) jul and octubre. <https://doi.org/10.2307/3316456>.
- Oliveira, João Pacheco. 1998. "Uma etnologia dos 'índios misturados': situação colonial, territorialização e fluxos culturais". *Mana* 4 (1): 47-77. <https://doi.org/10.1590/S0104->

93131998000100003.

Paula Andrade, Maristela. 2008. *Terra de Índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum*. São Luís, Edições UFMA.

Rappaport, Joanne. 2000. *La Política de la Memoria. Interpretación Indígena de la Historia en los Andes Colombianos*. Traducción de José Ramón Martín. Popayán: Editorial Universidad del Cauca-Serie Estudios Sociales.

Santos Granero, Fernando. 2009. *The occult life of things: Native Amazonian theories of materiality and personhood*. The University of Arizona Press. Tucson.

Severi, Carlo. 2007. *Le Principe de la chimère. Une Anthropologie de la mémoire*. Paris, Rue d'Ulm.

Severi, Carlo. 2014. "Transmutating beings: A proposal for an anthropology of thought". *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 4 (2): 41-71.

Souza, Jurema Machado Andrade. 2020. "O futuro e os caminhos encantados: Cachoeira reencontra os Tupinambá. Desaguar em cinema". In: Amaranta Cesar (org.). *Documentário, memória e ação com o Cachoeira Doc*. Salvador: Edufba, 111-125. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32955>.

Wawzyniak, João Valentin. 2012. "Humanos e não-humanos no universo transformacional dos ribeirinhos do rio Tapajós-Pará". *Mediações – Revista de Ciências Sociais* 17 (1): 17-32. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/12608>.